

**CARLOS DRUMMOND  
DE ANDRADE**  
ALGUMA POESIA

POSFÁCIO

Eucanaã Ferraz

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond  
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

warrakloureiro

sobre *Retrato de Carlos Drummond de Andrade*, 1936,  
de Candido Portinari, óleo sobre tela, 72 x 58 cm.

Imagem do Acervo Projeto Portinari.

Reprodução autorizada por João Candido Portinari.

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Regina Souza Vieira

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Júlio Castañon Guimarães (Casa de Rui Barbosa)

REVISÃO FINAL

Antonio Carlos Secchin

PREPARAÇÃO

Léo Rubens

REVISÃO

Huendel Viana

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987.

Alguma poesia/ Carlos Drummond de Andrade;  
posfácio Eucanaã Ferraz — 1ª ed. — São Paulo:  
Companhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2283-7

I. Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987 – Crítica  
e interpretação 2. Poesia brasileira – História e crítica.  
Ferraz, Eucanaã. II. Título.

13-04941

CDD-869.9109

---

Índices para catálogo sistemático:

I. Poesia: Literatura brasileira : História e crítica 869.9109

I. Poetas brasileiros : Apreciação crítica 869.9109

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

## Sumário

11	Poema de sete faces
13	Infância
14	Casamento do céu e do inferno
16	Também já fui brasileiro
17	Construção
18	Toada do amor
19	Europa, França e Bahia
21	Lanterna mágica
21	I — Belo Horizonte
22	II — Sabará
24	III — Caeté
25	IV — Itabira
26	V — São João del-Rei
27	VI — Nova Friburgo
28	VII — Rio de Janeiro
29	VIII — Bahia
30	A rua diferente
31	Lagoa
32	Cantiga de viúvo
33	O que fizeram do Natal
34	Política literária
35	Sentimental
36	No meio do caminho
37	Igreja
38	Poema que aconteceu
39	Esperteza
40	Política
41	Poema do jornal
42	<i>Sweet home</i>
43	Nota social
44	Coração numeroso
45	Poesia

- 46 Festa no brejo  
47 Jardim da Praça da Liberdade  
49 Cidadezinha qualquer  
50 Fuga  
52 Sinal de apito  
53 Papai Noel às avessas  
54 Quadrilha  
55 Família  
56 O sobrevivente  
57 Moça e soldado  
58 Anedota búlgara  
59 Música  
60 Cota zero  
61 Iniciação amorosa  
62 Balada do amor através das idades  
64 Cabaré mineiro  
65 Quero me casar  
66 Epigrama para Emílio Moura  
67 Sociedade  
68 Elegia do rei de Sião  
69 Sesta  
71 Outubro 1930  
74 Explicação  
76 Romaria  
78 Poema da purificação

Posfácio

- 79 *Alguma cambalhota,*  
EUCANAÃ FERRAZ  
101 Leituras recomendadas  
102 Cronologia  
108 Crédito das imagens  
109 Índice de primeiros versos

# **ALGUMA POESIA**

## POEMA DE SETE FACES

Quando nasci, um anjo torto  
desses que vivem na sombra  
disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.

As casas espiam os homens  
que correm atrás de mulheres.  
A tarde talvez fosse azul,  
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:  
pernas brancas pretas amarelas.  
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.  
Porém meus olhos  
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode  
é sério, simples e forte.  
Quase não conversa.  
Tem poucos, raros amigos  
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste  
se sabias que eu não era Deus  
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,  
se eu me chamasse Raimundo  
seria uma rima, não seria uma solução.  
Mundo mundo vasto mundo,  
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer  
mas essa lua  
mas esse conhaque  
botam a gente comovido como o diabo.

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.  
Minha mãe ficava sentada cosendo.  
Meu irmão pequeno dormia.  
Eu sozinho menino entre mangueiras  
lia a história de Robinson Crusóé,  
comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu  
a ninar nos longes da senzala — e nunca se esqueceu  
chamava para o café.  
Café preto que nem a preta velha  
café gostoso  
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo  
olhando para mim:  
— Psiu... Não acorde o menino.  
Para o berço onde pousou um mosquito.  
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava  
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história  
era mais bonita que a de Robinson Crusóé.

## CASAMENTO DO CÉU E DO INFERNO

No azul do céu de metileno  
a lua irônica  
diurética  
é uma gravura de sala de jantar.

Anjos da guarda em expedição noturna  
velam sonos púberes  
espantando mosquitos  
de cortinados e grinaldas.

Pela escada em espiral  
diz-que tem virgens tresmalhadas,  
incorporadas à Via Láctea,  
vagalumeando...

Por uma frincha  
o diabo espreita com o olho torto.

Diabo tem uma luneta  
que varre léguas de sete léguas  
e tem o ouvido fino  
que nem violino.

São Pedro dorme  
e o relógio do céu ronca mecânico.

Diabo espreita por uma frincha.  
Lá embaixo  
suspiram bocas machucadas.  
Suspiram rezas? Suspiram manso,  
de amor.

E os corpos enrolados  
ficam mais enrolados ainda  
e a carne penetra na carne.

Que a vontade de Deus se cumpra!  
Tirante Laura e talvez Beatriz,  
o resto vai para o inferno.

## TAMBÉM JÁ FUI BRASILEIRO

Eu também já fui brasileiro  
moreno como vocês.  
Ponteei viola, guiei forde  
e aprendi na mesa dos bares  
que o nacionalismo é uma virtude.  
Mas há uma hora em que os bares se fecham  
e todas as virtudes se negam.

Eu também já fui poeta.  
Bastava olhar para mulher,  
pensava logo nas estrelas  
e outros substantivos celestes.  
Mas eram tantas, o céu tamanho,  
minha poesia perturbou-se.

Eu também já tive meu ritmo.  
Fazia isto, dizia aquilo.  
E meus amigos me queriam,  
meus inimigos me odiavam.  
Eu irônico deslizava  
satisfeito de ter meu ritmo.  
Mas acabei confundindo tudo.  
Hoje não deslizo mais não,  
não sou irônico mais não,  
não tenho ritmo mais não.

## CONSTRUÇÃO

Um grito pula no ar como foguete.  
Vem da paisagem de barro úmido, caliça e andaimes hirtos.  
O sol cai sobre as coisas em placa fervendo.  
O sorveteiro corta a rua.

E o vento brinca nos bigodes do construtor.